



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

Notícias 7

Julho 2011 | www.fnlij.org.br

Vencedores dos Concursos FNLIJ 2011

Há 16 anos a FNLIJ premia programas de incentivo à leitura, direcionados às crianças e aos jovens de todo o país. Este ano, a 16ª edição do Concurso FNLIJ *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil 2011* premiou dois programas: *Projeto Leitura nas mangueiras*, realizado na cidade de Betim, Minas Gerais, sob a responsabilidade de Conceição Cristina dos Santos e Lourdes Alves, e o *Projeto Roedores de Livros*, sediado no Shopping Popular de Ceilândia, em Ceilândia Sul - Guará II, no Distrito Federal, sob a responsabilidade de Ana Paula Bernardes. Cada programa vencedor recebeu 500 livros e o certificado referente ao mérito.

Os inscritos foram avaliados por uma Comissão Julgadora, formada por especialistas em Literatura Infantil e Juvenil, atendendo aspectos como a originalidade quanto à concepção

e operacionalização; área de abrangência; qualidade do acervo de livros utilizado; práticas que propiciem a criação e a geração de autonomia de leitores; periodicidade das ações; resultados alcançados e formas de propostas de continuidade; referências teóricas e práticas que lhe sirvam de base.

A FNLIJ também incentiva autores a escrever relatos ficcionais e não-ficcionais cujo tema seja a leitura compartilhada, por meio do Concurso FNLIJ *Leia Comigo!* A 10ª edição premiou dois textos de relatos ficcionais: *Doses de sonho*, de Eloi Elisabete Bocheco, e *Relato de casamento definitivo com a Literatura*, de Alessandra Firmo da Silva Santos, não havendo ganhador na categoria não-ficcional. As duas ganhadoras já venceram em edições anteriores. Como o autor usa pseudônimo, o júri não conhece o verdadeiro nome do concorrente.

O Concurso FNLIJ Curumim

– *Leitura de Obras de Escritores Indígenas 2011* - e o Concurso FNLIJ/INBRAPI *Tamoios de Textos de Escritores Indígenas 2011* são concursos promovidos pela FNLIJ direcionados a temas indígenas. Este ano o texto *Kabá Darebu – Identidade*, de Tânia Mara de Aquino Costa e o *Olho d'água – o caminho dos sonhos*, de Ronivaldo Mendes da Silva / Povo Maraguá venceram, respectivamente, a oitava edição dos dois concursos. A editora Autentica uniu-se ao Concurso FNLIJ garantindo a publicação do texto *Olho d'água – o caminho dos sonhos*.

Como nos anos anteriores, o jornal Notícias publica um resumo sobre os dois programas vencedores do 16º Concurso FNLIJ *Os Melhores Programas de incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil 2011*; os dois relatos ficcionais ganhadores do 10º Concurso FNLIJ *Leia Comigo! 2011* e os dois textos sobre a cultura indígena.



Projeto Roedores de Livros



Projeto Leitura nas mangueiras.

Vencedores do 16º Concurso FNLIJ *Os Melhores Programas de incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil 2011*

Serviço Assistencial Salão do Encontro – SASFRA

Projeto Leitura nas mangueiras

Responsável: Conceição Cristina dos Santos e Lourdes Alves.

Betim – Minas Gerais.

○ Serviço Assistencial Salão do Encontro – SASFRA - é uma organização de direito privado e sem fins lucrativos que há 40 anos busca a erradicação da pobreza e a dignidade de vida à população carente da cidade de Betim, localizada a 30 quilômetros de Belo Horizonte. Ao preservar e valorizar uma arte que historicamente remete às origens do estado de Minas Gerais, a entidade conquista seu espaço, promove cultura e forma pessoas para a vida através da execução dos Programas: Geração de Emprego e Renda, Saúde e qualidade de vida, Moradia e Dignidade, Educação Infantil e Complementar.

As crianças integrantes destes programas têm entre 4 meses e 14 anos, e em meio ao verde, vivenciam a liberdade, dão asas à imaginação e compartilham com

árvores frondosas o contar e ouvir histórias, atividade que gerou o *Projeto Leitura nas Mangueiras*, desenvolvido desde 2004, que consiste na leitura de textos literários para crianças.

Inicialmente esta atividade era realizada pelas educadoras infantis e tinham como objetivo promover momentos de interação entre as crianças e o pequeno acervo disponível numa sala de leitura. Este acervo se desenvolveu através de doações feitas pela comunidade e pelos próprios educadores, que sempre incentivaram e valorizaram o ato de ler para as crianças.

Entre os anos de 2004 e 2008 as leituras nas mangueiras foram aprimoradas, se tornando mais organizadas e programadas. Contou com a participação de outros leitores - artesãos, pais e outros convidados. Esta atividade

se tornou cada dia mais consistente. Chamando a atenção de visitantes que passavam por ali e não resistiam: paravam, ouviam e também participavam lendo livros que eram expostos em balaios de bambus aos pés das árvores. Em 2009, a atividade se tornou o *Projeto Leitura nas mangueiras*, com objetivos bem definidos, como incentivar o gosto pela leitura, estimular a tradição oral, incentivar a participação da comunidade, buscar novas parcerias para a construção da Biblioteca e para aquisição de acervo, criar uma política de desenvolvimento de acervo.

O *Projeto Leituras nas mangueiras* passou a ter uma dimensão muito ampla dentro da Instituição. Deixou de ser uma ação isolada, passando a articular com todos os outros programas, e, especificamente dentro do Programa de Educação infantil e complementar, passando



Crianças carregando a mala contendo o acervo de livros do *Projeto Leitura nas mangueiras*

A originalidade do local onde acontecem as atividades do *Projeto Leitura nas mangueiras* agradou os votantes do Concurso FNLIJ.



a fazer parte da proposta pedagógica da escola, conferindo a ele continuidade e consistência.

“Criado há três anos, em Betim, Minas Gerais, o projeto atende a 1.200 pessoas de 0 a 80 anos, sendo 700 crianças na faixa etária de 0 a 14 anos. Faz rodas de leituras, empréstimos de livros, cinema e etc. Possui um acervo de 6 mil livros, sendo 80% de obras infantis e juvenis” justificativa de Laura Sandroni, uma das integrantes do júri do Concurso FNLIJ 2011.

Hoje o *Projeto Leitura nas mangueiras* é uma das ações de incentivo à leitura

que já vem colhendo seus frutos: funcionários e alunos são os principais leitores. Nele já participaram autores e músicos, já aconteceram saraus de poesias, rodas de leituras, leitura, e ainda abriga outro projeto: *O Pé de Livro*.



Atualmente o Salão do Encontro atende a 1200 pessoas de 0 a 80 anos, sendo 700 crianças entre 0 e 14 anos. Todos os atendidos pela instituição podem participar das leituras nas mangueiras e das atividades realizadas pela biblioteca: empréstimo de livros, cineminha na Biblioteca, rodas de leituras e outros. O acervo tem aproximadamente 6.000 volumes, sendo que 80% desse acervo de literatura infantil e juvenil.

Projeto Roedores de Livros

Responsável: Ana Paula Bernardes

Ceilândia Sul – Guará II - Distrito Federal

O *Projeto Roedores de Livros* tem como objetivos despertar nas crianças o gosto pela leitura e facilitar o acesso ao livro literário, por meio de atividades de leitura, artes visuais e música, contribuindo para a formação de um leitor autônomo. Realizado por voluntários que oferecem atividades para as crianças num horário em que a escola não as atende. Atualmente, atende gratuitamente um grupo de aproximadamente 25 crianças

de 5 a 12 anos, aos sábados pela manhã, que frequentam o projeto espontaneamente.

O projeto teve início em maio de 2006, em uma biblioteca comunitária na região metropolitana de Brasília. Naquela época, eram convidadas diversas entidades de apoio à criança em situação de risco social para participar das atividades oferecidas, recebendo ainda crianças da comunidade local. Visando um

contato direto com crianças com maior dificuldade de acesso ao livro literário, a partir de 2007 o projeto passou a acontecer na Ceilândia, cidade situada a 24 km do centro de Brasília, na sede da ONG Ação Cristã Pró-gente. Neste período o projeto selecionou e atendeu a 30 crianças (5 e 10 anos) que apresentaram uma sintomática evolução no interesse pela leitura, além de visível melhora na sua relação em grupo. Em 2008 o projeto passou a acontecer no



A leitura compartilhada entre os voluntários e as crianças é uma das atividades preferidas da garotada que frequenta o *Projeto Roedores de Livro*

Centro Comunitário da Criança e do Adolescente, proporcionando um ambiente para o empréstimo de livros e para o convívio social, ampliando a área de alcance deste projeto. Em 2010 o projeto ganhou uma sede no Shopping Popular da Ceilândia (Torre A) onde abriga uma biblioteca chamada de Biblioteca com um acervo de 1400 livros infantis e juvenis, por meio de doações. No local, além das atividades do projeto, ocorre também o empréstimo de livros para as crianças atendidas nos finais de semana.

Os voluntários do projeto optam por fazer a leitura do texto original, com o livro na mão, usando, principalmente, os recursos visuais do livro e sonoros dos leitores, em detrimento de outras possibilidades/habilidades de um contador de história como o uso de aventais ou outros figurinos específicos, objetos cênicos ou simplesmente o contar – mesmo de forma decorada – a história apresentando o livro no final. Dessa forma, vivenciam o desenvolvimento

da criança leitora a partir da avaliação apresentada ao final desse relato.

Depois do lanche, é hora de deixar a turma descobrir os livros do acervo da Biblioteca. As crianças vão às estantes e escolhem os livros para uma leitura in loco, aproveitando para já escolher dois títulos para o empréstimo. Neste momento, os mais velhos lêem para os menores, as crianças trocam informações sobre os livros que cada um está descobrindo, enfim, todos livres para vivenciar a aproximação com a leitura literária. Algumas crianças levam livros para lerem em casa com pais e irmãos. Além disso, o projeto apresenta outras ações de promoção do acesso ao livro e à leitura como encontros com autores e ilustradores de Literatura Infantil, para explicarem seus processos de criação, contar histórias e responder aos questionamentos das crianças. Esses encontros acontecem a partir de parcerias com as editoras e/ou do contato pessoal da coordenação técnica do projeto.

“Iniciado em 2006 em uma biblioteca comunitária de Brasília, mudou-se várias vezes de local até instalar-se no Shopping Popular de Ceilândia, Distrito Federal, com 1.400 livros conseguidos por doações. Embora atenda apenas 25 crianças na faixa etária de 5 a 12 anos, o projeto é muito bem montado e atinge a sua finalidade”, justificativa de Laura Sandroni, membro do júri dos Concursos FNLIJ 2011.

A cada ano, o projeto passa por diferentes desafios. Para 2011 estudam a melhor forma de catalogar os livros na Biblioteca para que as crianças também possam identificar o livro que encontram nas estantes. O grande desafio é conseguir estruturar uma equipe de voluntários que possa manter a Biblioteca aberta todos os dias da semana – não somente aos sábados. Dessa forma, as escolas do entorno do Shopping Popular, além dos próprios feirantes, seus filhos e netos poderão usufruir do acervo literário.

Vencedores do 10º Concurso Leia Comigo! 2011 – Relato Real

Doses de sonho

**Autora: Eloí Elisabete Bocheco
Bombinhas - SC**

Ela*era bem nova quando a vi entrar na classe do antigo ginásio da Escola Juçá Barbosa Callado, pela primeira vez. Usava uma saia enxadrezada em verde e bege e uma blusa amarelo-queimado. Trazia um arco de vidro nos cabelos e usava sandálias marrons de salto alto. Essa primeira visão dela permanece viva ainda que tenham se passado quarenta anos desde esse dia. Ela própria me diz que não se lembra mais de ter tido essas peças de vestuário e, no entanto, eu lembro tão bem.

Chegou com os braços cheios de

livros: era sempre este o seu modo de chegar. Apresentou o livro-texto de Antônio Ravanelli, que usávamos em sala. Até hoje procuro nos Sebos a coleção para quinta a oitava séries, deste autor. Usava pouco esse livro, o didático. Era apenas um recurso a mais em seu estoque de feitiços para nos apaixonar pela leitura. Era uma mestra cheia de cuidados com a criação da memória literária de seus alunos. Tinha o formoso costume de ler poemas, crônicas e livros aos capítulos, em voz alta para a classe. Creio ter sido este o maior feitiço de todos. As palavras cresciam na

voz dela – até um texto insípido do livro didático de antanho brilhava. Aquelas sessões de leitura me deram as primeiras noções intuitivas dos poderes das palavras, do quanto elas podiam ser arrebadoras.

Ela própria se deliciava com a leitura que fazia. Não era só a apresentação de um texto: era a repartição de um sonho. Lia em transe, possuída, a muitos palmos do chão carcomido da sala de aula.

Entre as palavras abriam-se vãos mágicos que nos puxavam para o alto, como ímãs. Por instantes, esquecíamos

as carteiras riscadas, as vidraças em pedaços, a sala feia, o quadro de giz esburacado. Havia pontos em nós que faiscavam de possibilidades. Era como se ela dissesse, através de seus rituais de leitura: “o caminho do sonho é por aqui, crianças!”

Muitos textos que ela trazia para a classe eram datilografados em estêncil, na máquina de escrever, e impressos em mimeógrafo a álcool. Na folha branca, em letra azul, o poema, o conto, a crônica, o excerto da obra vinha a nós com muito capricho e cerimônia. Ela os entregava de carteira em carteira, depois dobrávamos e colávamos no caderno de linguagem.

Após este ritual de dobrar e colar o texto, ela fazia a primeira leitura. O Cajueiro, de Rubem Braga, na leitura dela, caía devagarzinho sobre a casa do autor, com tal delicadeza que era impossível não se apaixonar pela árvore, mesmo morando numa região onde nunca se viu um cajueiro.

Com voz apaixonada, ela golpeava a rotina com a flecha luminosa da palavra literária. Esta saraivada de luz nos atingia em cheio e atiçava o desejo de ler e buscar outras leituras onde quer que estejam.

Apresentou Cecília Meireles à classe com grande enlevo e intróito apaixonado pela vida e obra da escritora. Lia os textos da autora na altura e na maciez apropriadas às palavras de seda da escritora.

Por entre as letras azuis, na folha branca acetinada, surgia o Anjo da noite, o inesquecível guarda-noturno. Na visão poética de Cecília Meireles e na voz da mestra - sintonizada com a respiração da crônica - os passos do guarda ora se afastavam, ora se aproximavam. Em algum parágrafo ele apitava, em outro, um gato retardatário pulava o muro. Sob nossos pés, a rua, sobre nossas cabeças a noite profunda. O guarda-noturno, Anjo da noite, cuidava do sono das gentes. A mestra cuidava de nossa memória literária e abria ruas sem fim

em nossa imaginação.

“Vamos ouvir Canção excêntrica”. “Ando a procura de espaço para o desenho da vida/em números me embaraço e perco sempre a medida”... Os versos caíam sobre nós. Os olhos da mestra perscrutavam as feições. O que seria excêntrica? Ela não explicou naquele momento, acho que para não esmaecer o clima lúdico. Ela era toda finura com a palavra poética. Quem precisava saber o que era excêntrico para voar com as asas que saltavam dos olhos dela, tão embriagados no instante lírico como os nossos? Mais tarde ela contou sobre o excêntrico. Entendi que ela própria era assim, de tanto amor pelas palavras. Amor excessivo. Benditos excessos os dela!

As leituras nunca aconteciam num dia marcado. Ela gostava de nos fazer surpresas. Podiam acontecer numa terça-feira calma, numa sexta em que caiu o muro da frente da escola, numa quarta em que o Rio Pelotas transbordou, numa segunda-feira de enormes saudades de alguém que partiu numa quinta sem nada para comemorar.

Nossos “corações inquietos e perturbados com a passagem e o tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam”, como diz no Sermão da Sexagésima, de Pe. Antônio Vieira, esperavam pelos finos repastos que ela ofertava.

Um dia trouxe um livro de Cecília Meireles que era, no formato, tal qual um caderno de desenho. Quando abriu e leu o primeiro poema fiquei atônita: não era “um caderno de desenho”: era um porta-joias! A primeira joia que brilhou foi um colar de coral. Nunca eu tinha visto um poema incendiar. As paredes da sala, há mil anos sem pintura, mergulharam em luminosidade. A prof^a leu e releu deliciosamente. A cada leitura, as imagens ficavam mais nítidas, como se ela desse lápis de cor à voz e fosse desenhando o poema

no ar. Via-se que a mestra era devota daquele colar. Devota do mesmo colar também me tornei.

Do porta-joias caíam rubis: “Rolam rubis rubros do céu”. Abre-se a romã/ Abre-se a manhã”. Até o apagador, na beira do quadro, cintilava. As aulas eram noturnas, mas dentro de nós o sol brilhava.

A linguagem tinha outro modo de dizer. Outro semblante: mais vivo e mais luminoso. Para esse outro universo da linguagem a mestra nos levava para passear. Eram momentos de feriados da linguagem referencial. Ela sabia o quanto estes passeios podiam avultar nosso desejo de beleza e de liberdade.

A vida não precisava ser só o puro chão. Outro desenho era possível. “Uma pena a vida ser só isto! Os versos de Cecília Meireles se aplicam bem aos dias de pobreza simbólica em que vivemos tempo pródigo em atrativos para os olhos biológicos. A jovem mestra pressentia que só os olhos biológicos não bastam: “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores” – como lemos em Fernando Pessoa, seguido de perto por Mário Quintana em “uma vida não basta apenas ser vivida, também precisa ser sonhada.” Havia outros modos de ler o mundo que fugiam ao óbvio, e isso ela mostrava ao nos conduzir pelos territórios lúdicos da imaginação.

Tenho saudades da moça com arco de vidro nos cabelos, que chegava sempre com os braços cheios de livros e lia, com voz apaixonada, seus autores prediletos, os melhores da literatura nacional e estrangeira. Ainda hoje, quando releio certos livros, ouço-a ao fundo ler passagens marcantes, diálogos, descrições. A voz dela ficou gravada a sonho e se mistura com poemas, contos, crônicas narrativas. Não poucas vezes paro para ouvi-la novamente e noto que a voz não envelheceu.

* Ana Schirley Fávero

Relato de um casamento definitivo com a Literatura

Alessandra Firmo da Silva Santos

Rio de Janeiro - RJ

O ano de 2009 foi um ano muito especial para mim. Esse foi o ano que coisas maravilhosas aconteceram. Como professora do Ensino Fundamental há bastante tempo, sempre tive a preocupação de transmitir o amor que eu sinto pelos livros. Ler para mim sempre foi deleite, sempre foi prazer, sempre foi conquista. Isso começou na infância. Aprendi a ler muito cedo. A leitura como a arte de decodificar símbolos me abria caminhos e como criança, tratei de tirar proveito da situação. Aos sete anos (que era a idade de entrar na escola naquele tempo), fazia o meu trabalho e dos meus colegas de turma na antiga C.A. Passaram-me então para 1ª série. Depois de algumas semanas, o mesmo sucedeu. Fiz um teste e fiquei então, finalmente na 2ª série. Tudo que tivesse letras e que vinha parar em minha mão era devorado.

Minha mãe achava que me levar para a escola era o suficiente. Meu pai apesar de passar pouco tempo comigo, percebeu quase que instintivamente minha agonia quando as “letras” não estavam diante dos meus olhos. Então, ele trazia umas revistinhas bobas para eu ler, o que me deixava muito feliz.

Depois passou a me comprar livros que entregava em minhas mãos com a seguinte recomendação: No final de semana, vou te perguntar como é a história! Pronto. Estava estabelecido em minha vida o mediador para minhas aventuras!!

Na 3ª série do Ensino Fundamental, tive a sorte de ter uma professora comprometida com a Literatura. Com ela tive oportunidade de ilustrar meu 1º livro: Chapeuzinho Vermelho. Eu

não ia a livrarias, nem sabia o que era biblioteca, mas passavam em nossa porta de vez em quando, vendedores de livros. E meu pai sempre dava um jeito de comprá-los para mim, nem que para isso ele pagasse um carne um ano inteirinho. Outro jeito que arranjei de ler mais, foi pedindo ao invés de brinquedo, livro de presente de aniversário.

Quando não dava para meus pais comprarem livros, eles compravam gibis. Eu não gostava tanto assim dos gibis, mas era melhor do que ganhar brinquedo. E assim meu universo de leituras foi aumentando. Por isso como professora eu sei que muitos dos meus alunos, não têm acesso à Literatura. E que eu como professora deles, em muitas situações, sou a única porta para esse acesso. Sempre leio muito para eles e com eles. Eu sei como isso é bom! Eu experimentei isso ainda na infância, e foi maravilhoso! Eu quero dar esse prazer aos meus alunos também. Como disse Ziraldo (o que concordo plenamente): “Ler é mais importante que estudar”. Mas no ano de 2009, minha tarefa iria assumir proporções ainda maiores. Fui convidada pela direção da escola onde ensino, a ser a Regente de Sala de Leitura. Foi um grande desafio, porém também uma grande oportunidade. Na Sala de Leitura, teria como impactar e incentivar a leitura não somente do meu grupo de alunos, mas de toda a escola. A Biblioteca da escola estava praticamente parada, e isso precisava mudar. Porém precisava que a mudança acontecesse em toda a escola. Então comecei como professores. Em minha primeira reunião com eles, levei o texto de Clarice Lispector: *Felicidade Clandestina*. Como Rubens Alves certa vez escreveu não se pode ensinar o prazer da leitura com aulas

sobre ciência da linguagem. Só se ensina o prazer de ler, quando lemos, no sentido mais simples e infinito da palavra (fala minha). Então comecei lendo. E quando a leitura terminou, não disse nada. Esperei a reação do grupo. Nossa! Que texto lindo! Ainda não conhecia! disse alguém. Então me atrevi a dizer alguma coisa: Eu quero que as crianças dessa escola se sintam como essa menina: em êxtase puríssimo ao entrar em contato com o livro. E preciso da ajuda de vocês!

O que aconteceu na vida da escola e na minha vida foi algo surpreendente. Foi o ano em que eu fui mais feliz! Certa vez escolhi um livro chamado *DESIDERATA* e fiz um trabalho com os professores. Li para eles e propus uma tarefa: cada frase do livro foi impressa e cada grupo iria ilustrar da maneira como achasse melhor. Foi maravilhoso! No final cada grupo apresentou seu “livro”. Essa tarefa os fez observar como a leitura, especialmente o texto literário, produz em nós um tremor de sentidos, como abala nosso aparelho de interpretação. O mesmo texto, a mesma leitura, provocou diferentes visões e representações nos diferentes grupos. Os professores adoraram o exercício e no final todos queriam ficar com seus livros ilustrados.

Foi assim, conquistando primeiramente os professores, que pude desenvolver um trabalho realmente muito especial naquele ano. Vê o “entrar e sair dos alunos na Sala de Leitura, observar a “bagunça” bonita após uma visita das turmas, e o olhar atento quando eu lia um livro com eles, para mim foi recompensador. Foi um movimento que não parou mais. De repente, parece que toda a escola foi tomada por uma alegria contagiante. Às vezes eu digitava trechos de livros e distribuía para professores e alunos.

Ao querer saber de onde eu havia tirado, eu dizia: no livro tal. E aí a procura começava. Não posso deixar de dizer também que contei com uma ajuda importantíssima nessa tarefa tão especial. Um Curso maravilhoso oferecido pela FNLIJ. Nesse curso conheci mestres compromissados com tarefa de instrumentalizar professores na maravilhosa tarefa de promoção da leitura e escolha de livros de qualidade. O que esse curso promoveu em mim, é difícil de explicar nessas linhas. Além da parte prática como aprender sobre o projeto gráfico de um livro, a ilustração, os livros informativos, o que é qualidade em Literatura infantil e Juvenil, também o crescimento pessoal que a interação com esses mestres proporcionou. Sem falar que fui apresentada de perto a autores que só conhecia de nome. Obras que me fizeram enxergar a vida com outros

olhos.

Aprendi o que é Prosa Poética com Bartolomeu Campos de Queirós por uma mediadora apaixonada. Aprendi mais sobre Marina Colasanti, uma autora muito subjetiva que sempre busca arte, beleza e reflexão através do Volnei Canônica. Conheci melhor a Literatura indígena pelo maravilhoso autor Daniel Munduruku. Luiz Antônio com seu passeio pela Literatura me fez responder melhor a minha vocação de ser humano. Marisa com sua aula e suas leituras me conduziu a uma fala de Ítalo Calvino: “A Leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.” E isso não quer mais parar. Afastada do meu trabalho

por estar embalando meu filhotinho, leio pra ele, apesar de saber que ele não entende tudo que eu falo.

E nas reuniões de família, faço a pergunta inevitável: Posso ler uma coisa interessante para vocês?

E citando parte de uma poesia de Neruda:

“É proibido não criar suas histórias,
É proibido não buscar felicidade...”

Eu já encontrei a minha.

Vencedor do 8º Concurso FNLIJ Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas 2011

Kabá Darebu – Identidade

Tânia Mara de Aquino Costa

Lorena - SP

Sou professora de língua portuguesa da rede estadual com licenciatura para trabalhar com Ensino Fundamental, ciclo II, e Ensino Médio. Sou vinculada à escola Professor Joaquim Ferreira Pedro, na cidade de Lorena, Estado de São Paulo.

Em 2010, além das aulas de língua portuguesa, também ministrei aulas de leitura e produção de texto em duas 5ª séries (6º ano). O objetivo dessas aulas é despertar no aluno o gosto pela leitura e assim incentivá-lo, também, a escrita.

Devido ao atraso na entrega do material utilizado nessas aulas, precisei elaborar sozinha o conteúdo delas para os dois primeiros bimestres. Assim, procurei elaborar um projeto que atendesse as necessidades básicas de meus alunos, enquanto leitores, e ao mesmo tempo pudesse iniciá-los no

universo da literatura indígena, indo ao encontro das novas determinações da Educação previstas na lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura indígena nas escolas do país.

Para que o trabalho não ficasse disperso, tomei como tema do projeto a identidade do próprio aluno. O livro escolhido foi *Kabá Darebu*, de Daniel Munduruku, por ser de fácil leitura e por falar sobre o povo Munduruku, do qual o próprio autor descende, possibilitando uma fácil integração entre o personagem, o autor e os alunos.

O personagem Kabá Darebu é um menino de apenas sete anos, pertencente ao povo Munduruku. Ele fala sobre seu povo, descrevendo costumes, hábitos alimentares, brincadeiras etc.

Os objetivos do trabalho eram: incentivar o aluno à leitura e escrita; iniciá-lo no conhecimento do universo indígena brasileiro, mostrando um pouco da realidade atual desses povos; desenvolver nesse aluno o respeito e admiração por essa cultura; iniciá-lo na compreensão da influência dessa cultura na formação do povo brasileiro, como também, no português falado no Brasil; através da narrativa descritiva de Kabá Darebu, incentivar o aluno a pesquisar e escrever sobre sua realidade, possibilitando-lhe o conhecimento de sua própria identidade, ainda em formação.

Iniciamos o trabalho numa roda de leitura. Após minha leitura, alguns alunos tiveram a oportunidade de fazer a própria leitura oralmente. Então discutimos todo o conteúdo da história e os alunos manifestaram suas opiniões

a respeito, deixando claro o que haviam compreendido. Também conversamos sobre o autor, as ilustrações e o trabalho do ilustrador.

Numa segunda etapa, foi desenvolvida uma atividade no caderno em que deveria haver uma comparação entre o personagem Kabá e o próprio aluno a fim de que observassem as semelhanças e diferenças entre eles. Os alunos dividiram a página do caderno em duas partes. De um lado enumeraram tudo que observaram sobre o personagem a respeito de seus hábitos, moradia e características, e do outro lado fizeram o mesmo a respeito de si próprios.

Exemplo:

Kabá Darebu

Comida - mandioca, peixe

Brincadeiras - boneca de sabugo, subir em árvores.

Aluno

macarrão, pizza

jogo de bola, vídeo game

O projeto também contemplou duas atividades de pesquisa extraclasse. A primeira foi referente às palavras indígenas incorporadas ao vocabulário português do Brasil, como por exemplo, os nomes de algumas cidades brasileiras, inclusive do Vale

do Paraíba, região onde moramos, e também a influência dessa cultura em nosso cotidiano, como é o caso de alguns alimentos incorporados em nossa culinária.

A segunda foi referente às origens do estudante. O aluno, em entrevista, questionou seus pais, avós, tios etc., sobre as origens dos mesmos e suas etnias. Fizeram parte também dessa pesquisa, dados referentes à primeira infância do aluno, sendo que em alguns casos, essa parte da pesquisa, levou-o até sua própria gestação, o que serviu para enriquecer nosso trabalho e valorizar esse aluno junto a sua família. As principais questões para a entrevista foram elaboradas previamente em sala de aula, sendo que o aluno poderia acrescentar outras que lhe parecessem interessantes.

Esse projeto proporcionou ao aluno um melhor entendimento da construção de sua identidade. Passeando pelo universo indígena, através das descrições de Kabá Darebu, personagem central do livro, o aluno pode, numa comparação, observar melhor seu próprio universo e assim compreender que é parte integrante desse universo.

Na parte final do trabalho os alunos participaram de uma conversa com o autor Daniel Munduruku

num encontro muito proveitoso nas dependências da escola. Nesse encontro o autor falou sobre sua origem, seu povo, costumes, sua carreira de escritor e sua vida fora da aldeia, mostrando-lhes que atualmente muitos indígenas vivem em ambientes urbanos. Os alunos participaram ativamente da conversa com muitos questionamentos. Em seguida o autor sorteou alguns livros de sua autoria entre os alunos.

Na conclusão os alunos entregaram suas pastas com todos os textos produzidos durante o processo do projeto. Eram redações descritivas e narrativas sobre tudo que descobriram a respeito da cultura indígena e também o que descobriram sobre si próprios na entrevista com os familiares.

Os objetivos do projeto foram atingidos de maneira bastante satisfatória. Os alunos se sentiram muito valorizados por terem tido um espaço para escreverem sobre suas vidas, quem são o que fazem e gostam, quem são seus pais, de onde vieram e, principalmente, puderam reconhecer, sem medos ou preconceitos, suas próprias etnias. Houve uma maior aproximação entre os alunos e seus pais quando esses foram levados a se envolverem no trabalho. E todos tomaram conhecimento do quanto a cultura indígena está presente e faz parte de nossa vida.

Vencedor do 8º Concurso FNLIJ/INBRAPI Tamoios de Textos de Escritores Indígenas 2011

Olho d'água - o caminho dos sonhos

Ronivaldo Mendes da Silva - Povo Maraguá

Boa Vista do Ramos - AM

Todo ser,
Pessoas ou animais nascem
com o livre arbítrio de ir
onde quiser.

Não importando o que hão de
fazer.

Somos seres, criados livres.

Livres para correr, para voar,
para sorrir!

Pois nem o sol e nem a lua
interferem na comunicação entre
os seres.

E que essa liberdade não seja
para destruir vidas ao nosso redor

ou no planeta em que vivemos.

Que cada filho dê o devido
respeito à mãe terra.

E a cada ser que nela habite.

Que se respeite a vida.

Dos povos da floresta
Roni Wasiry Guará

Parte I Olho d'água

Época de primavera, no horizonte o sol caminha dando adeus para mais um dia!

No cair da tarde um velho índio viajando em seus pensamentos observa lá em baixo perto do rio, hoje são dois os olhos d'água que iluminados pelos últimos raios de sol refletem um raio de luz em direção ao norte. Seu nome Waykãna.

Quando ergue a cabeça e firma o olhar no horizonte as árvores da outra margem do rio já escondem aquele que até alguns segundos atrás tinha tido por companheiro durante o dia todo.

Waykãna tem andado tristonho nos últimos dias, lembrando de que muitas luas atrás, havia sido cravado a flecha da dor em seu coração, quando se viu em meio a uma invasão no lugar onde mora.

Conversando com os seres invisíveis de sua floresta interior lembra dos tempos em que podia correr de um lado a outro estufando no peito o amigo vento.

Hoje não pode mais. Em nome do progresso vieram os krawaióas com suas idéias e máquinas cortando as árvores abrindo campos, represando as águas construindo suas cercas como que querendo ficar isolado. Como se eles fossem donos da teia da vida.

Vieram os garimpos, o inferno de muitos pelo paraíso de poucos.

Os animais fugiram os pássaros voaram pra longe o clima mudou.

Novas culturas surgiram, mais o respeito desapareceu.

Pela manhã as gigantes árvores centenárias estão de pé. À tarde milhares delas estão no chão sem vidas.

Máquinas e fogo lhes dão um destino sem volta.

No lugar da floresta, novas plantações o clima também mudou, o ar ficou poluído e tudo o que restou foi fumaça.

Para o índio que sempre viveu ali, não há, mas onde morar e não há terra pra plantar.

Na alma um pensamento:

Nossa terra esta queimando e em pó e cinzas se tornando.

Para o krawaióa plantar significa destruir para ter poder, para os índios plantar nada mais é do que dar e receber.

Dando seu conhecimento a mãe terra, ela lhes dá tudo que necessitam.

Na época dos plantios, o pajé ia até a mata e pedia a permissão para se plantar.

Ouvindo os espíritos que a protegem podiam fazer seus plantios.

E assim tinha-se as melhores colheitas para alimentação de todo povo.

Parte II Tempos de paz

Há muitas luas atrás o povo Maraguá estava em festas, todos na aldeia comemoravam a grande fartura na agricultura e na pesca.

Fogueiras acesas ao longo do terreiro que se abria a margem do rio Ypixuna serviam de forno onde curumins e cunhãtães com espetos nas mãos assavam, curimatã, tambaqui, tucunaré, e não faltavam milhos, batatas, macaxeira, e uruá que as cunhãtães tinham pego nas gareyras.

Enquanto os adultos sentados em círculos bebiam tarhubhá na cuia

Uma bebida que havia sido enterrada dentro de cabaças, trinta dias antes das festas agora estava forte e agradável ao paladar.

Todos procuravam contar seus feitos do dia.

Mas quando Kuruamá pó, o mais velho sábio falava todos ficavam em silêncio para ouvir.

Dizia ele:

-Nosso saber vem de dentro, vem do coração vem da alma.

-Quando falamos devemos usar as palavras como magia e não como uma cortina de areia, que é áspera e não tem sentido algum.

-O mundo pode nos ver de uma forma diferente se quisermos.

-O velho pajé de vez em quando pitava seu enorme cachimbo de inajá, por alguns momentos ficava em

absoluto silêncio, esse gesto era uma das grandes lições que ele nos passava.

Mais o semblante calmo mostrava-se preocupado, à noite ouvia gritos dos espíritos, ruídos incompreensíveis, vindos da floresta, mais não sabia ainda seus significados.

No grande barracão as mulheres preparavam o pirão com pimenta e ervas para por na imensa mesa que havia para o banquete, sobre a mesa folhas de bananeiras abrigavam gostosos beijus, e enormes peixes assados enquanto trabalhavam não paravam de cantar.

Elas cantavam uma música que era uma verdadeira poesia

- desejo-te um bom dia a vida inteira.
- desejo-lhe um bom dia agora para amanhã.
- tenha sempre tudo de bom.
- pelo bem da vida viva sorrindo.
- você não tem que ir.
- peça-me uma boa noite.
- E tenha o dia eternamente, seja feliz eternamente.
- você não tem que ir.
- o hoje é agora.
- o dia é ávida
- você é especial, você é tudo de bom.
- pois com você o escuro não há.

O céu estrelado também participa da festa, de vez em quando uma estrela não se conformando em só olhar a festa lá de cima, decide descer e sentir a alegria que o povo Maraguá desfruta.

Vindo por de trás das grandes árvores de cedro que há ao redor da aldeia elas vem iluminar de perto toda aquela alegria.

Na aldeia toda iluminada por fogueiras e estrelas no momento em que as cunhãporangas faziam a grande dança do Yãpaiguê, animando e convidando seu escolhido para fazer parte do ritual da beleza.

Todos os solteiros seguem batendo palmas e torcem para serem agraciados por uma das estrelas mulheres que dançam os guerreiros casados não podem bater palmas.

Para não serem confundidos, até que o último solteiro seja escolhido, só então é que eles entram no ritual.

Na festa todos seguem animados, cantam e dançam felizes da vida, agora cada rapaz com o seu pega moça satisfeito agradece a Moñag o deus da sabedoria pela linda festa que lhes deu, lá pela madrugada quando a lua repousa os tambores também cessam e todos vão dormir.

A noite calma e serena traz paz e tranquilidade a todos do povo.

Logo um novo dia virá e a cada amanhecer um novo ser se renova em cada um de nós.

O clarear é sempre de profunda beleza e os primeiros raios de sol trazem novidades.

Com o cantar dos pássaros ouve-se conversas dos mais velhos que sempre levantam primeiro, comentando sobre a linda noite anterior.

Parte III

Waykãna lembra da época quando começava a seca dos rios e as águas tornavam-se barrentas, quando a turma de meninos tinham que ir buscar água para os potes das cunhãs.

Ele sempre dava um jeito de pegar água para o pote de Yãny, ela é linda observava ele.

E era! Filha de um dos caçadores mais importante do povo, caprichosa nos afazeres.

Os longos cabelos negros deslizavam pelas curvas de seu corpo.

Seus pensamentos o lembravam que ficava horas cavando um buraco no barro que saia nas encostas do rio para que sua amada tivesse água fresca em seu pote de barro par saciar a sede.

Depois de horas cavando faziam uma barragem com galhos de babaçuzeiro aguardavam a água brotar da terra ate que ficasse completamente limpa e só então retirar o precioso líquido.

Ali era o seu ninho de amor, muitas vezes ficava ao lado da amada quando juntos conversavam.

Gostava da companhia daquela que seu coração e seu espírito haviam escolhido.

Isso servia de preparação para os jovens.

Como era costume no povo, os casamentos de seis em seis anos, eles aguardavam ansiosos por esse momento.

A preparação que começava na idade dos 12 anos, ou seja, oito luas, após os jovens terem passado por todos os rituais de tradição.

Esse fato se dava logo após o ritual da maior idade.

Em que o menino sai de sua casa e vai morar na casa daquela que ele escolheu como noiva, o mesmo acontece com a menina que sai da casa de sua família e vai morar na casa dos pais do menino, esse é o tempo de uma lua e meia.

Passado esse tempo, vem outra etapa dessa preparação o menino agora passará a morar em uma casa com três homens adultos, sendo um do clã pescador, um do clã agricultor e outro do clã de caçadores.

A menina por sua vez passará a morar com três mulheres adultas que vão lhe ensinar todos os costumes e como tratar seu futuro companheiro.

Também esse tempo é de uma lua e meia.

Logo que se passam essas três luas vem a terceira e última etapa da preparação, onde o menino agora vai morar na Mirixauaruba, a casa do conselho ali ele terá a companhia do mais velho sábio do povo.

É onde ele será confrontado com seu espírito e as forças do universo que o cercam.

A menina passa a morar na casa da anciã mais idosa dentre todas, receberá seu amuleto de proteção e terá de confrontar seu espírito aliado provando ser de coragem para seu clã, conhecerá tudo sobre os segredos das ervas que curam, e as que matam.

Enquanto isso o olho d'água era seu local, mas querido para encontrar-se com Yãny, ali trocavam carinhos, idéias, viviam seu hoje sem as preocupações do amanhã ou as coisas do passado, para eles o que importava era momento.

Waykāna já havia passado pelo Wakaripé o ritual da maior idade, provou sua força quando lutou com um jacaré durante uma pescaria, e com uma onça que havia atacado seu cachorro, uma vez derrubou um boi selvagem que os atacou em um passeio pelos campos.

Muitas coisas boas viveram ali podiam pescar, caçar banhar, viver sem limites ou fronteiras.

Parte IV

O tempo passou as coisas ao redor mudaram muitos se foram outros vieram, agora existem tristezas nos rostos das pessoas.

Não mais se ouve os milhares de cantos dos pássaros que os alegrava.

Vive-se uma vida de incertezas, não se pode prever mais as chuvas ou o sol.

O tempo certo de plantação.

Plantam-se sem a benção da mãe terra, pois a estão envenenando com suas químicas.

Cabisbaixo o índio pensa no tempo em que nada tinha dono, tudo era de todos.

As coisas eram coletivas, ninguém comprava ou vendia, tudo era dividido.

Preso as reflexões de um tempo que não volta mais, ele ouve vozes conhecidas, olha para trás e ver a esposa e os filhos que aproximam se dele.

Olha para filhos e sente a fraqueza de não poder dar á eles o sabor que a vida já lhe deu.

A esposa tornou-se mais linda com o passar dos anos.

Muito amor dedicado à família e ao povo.

Para os índios, a mulher é o coração da família, e como coração da família faz de tudo para mantê-los unidos.

Cada olhar do esposo rumo ao horizonte diz a ela que o coração do companheiro sofre por ver tanta destruição em seu hábitat.

Mais também sabe que aquele forte guerreiro espera o momento certo para despertar e empunhar a bandeira da liberdade.

E com todas as coisas más que o cercam ele pode contar com a família e os espíritos protetores.

Parte V

Adeus a Kuruamá pó

Mais agora o valente índio prisioneiro das ideias de homens cruéis vê seu povo sendo massacrado pelas doenças causadas pelos venenos dos garimpos, em nome de desejos, vaidades eles destroem vidas sem se importar com nada.

Os homens da cidade ouviram histórias sobre os tesouros nas terras Maraguá e vieram pegar para si a riqueza que o Deus do ouro deixou embaixo do solo.

Acabou o ouro mais ficaram os resultados impensáveis da ganância.

A terra onde nossos avós descansam é profanada sem piedade, e chora como uma criança que precisa de proteção.

Mas os povos indígenas continuam suas lutas, batendo os pés, dançando na chuva, esperando que chegue o dia do despertar de uma nova consciência.

No pensamento traz consigo as últimas palavras de Kuruamá o pajé que se foi na última lua indo morar na nascente do rio o lugar para onde vão as almas iluminadas, deixando como patrimônio um legado de sabedoria para aquele povo tradicional.

Em seu coração Waykãna sentia que as lições do velho sábio vão estar para sempre com o povo.

No último diálogo o velho sábio dizia:

-Nossas tradições ainda nos dão esperanças de que vale a pena viver, ainda é o que nos mantém de mãos dadas para que não se quebre o círculo de nossas vidas.

-Não permitiremos que esmaguem nossos ideais de um novo dia, onde cada ser plante uma árvore por que isso é viver o futuro, isso é gerar vidas.

-Acreditem na força que nos mantém unidos.

-Essa força que está presente em todas as coisas, em todos os lugares que palpita por todo o universo, que atua instantaneamente através do espaço ilimitado.

-Isso não pode ser outra coisa senão o próprio ser que nos criou e quão maravilhoso é sabermos que o criador está em nós e em tudo que existe.

-Temos que imitar o sol que diariamente se põe para dar oportunidades as estrelas e quando volta ilumina a todos sem distinção de cor ou raça.

Parte VI

Na aldeia muitos deixaram se dominar pelos enganos, indo para um lugar onde não tem nem sua própria liberdade.

Foram morar nas cidades das pedras de janelas gradeadas cidades das chaves de coisas quadradas com céu nublado das nuvens escuras de lua apagada, onde estrela não há!

Iludidos por errados anseios. Hoje tem como vizinhos sorrisos forçados, com medo de tudo, medo de estranhos, estranhos por quê?

Tem medo de seus inventos, são prisioneiros de suas próprias cadeias, almejam ser livres mais esquecem onde colocaram a liberdade, querem voar mais constroem gaiolas.

Na aldeia a vida continua lenta mais é assim que aprendemos a gente tem que ser como um rio ninguém diz como ele deve andar.

Ninguém apressa o rio.

Os homens mudam seu curso mais com isso causam inúmeras tragédias.

Nossa natureza tem um tempo certo não podemos apressá-la, devemos seguir o mesmo tempo dela.

O olho d'água continua lá para provar que o amor existe que devemos sonhar acordados, que a maior riqueza não é as posses que pegamos e sim o que de fato nos pertence.

Assim como a maior riqueza de Waykãna é ter sempre Yãny, e o maior tesouro é o olho d'água que todos os anos dá a única coisa que tem, e divide a todos que tem sede.

Naquela noite Waikãna dormiu.

Dormiu, e sonhou com a simples magia da natureza, o cantar dos pássaros, o coaxar dos sapos. O sussurrar das folhas secas caídas ao chão.

E no seu íntimo sonhava com a terra, e com os meios de restaurar sua beleza.

FNLIJ presente a 3ª Festa Literária de Santa Teresa

Nos dias 14 e 15 de maio de 2011, o bairro Santa Teresa, localizado no centro do Rio de Janeiro, sediou a 3ª Festa Literária de Santa Teresa - FLIST, uma realização do Centro Educacional Anísio Teixeira - CEAT - escola instalada no bairro que desenvolve um trabalho pedagógico diferenciado, com uma visão humanística da educação para alunos do Ensino Infantil ao Médio.

A FLIST começou no pátio interno do CEAT com o propósito de aproximar a escola da comunidade de Santa Teresa. Aos poucos, o evento, que acontece anualmente, foi se ampliando pelo bairro como forma de convocação de mais parceiros e leitores para a discussão do trabalho de literatura. Como nas edições anteriores, a FLIST homenageia um nome que ilustra a história da literatura brasileira, este ano, o homenageado foi o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós.

A FNLIJ esteve presente no evento, representada por Elizabeth Serra, secretária geral da instituição, que participou da mesa-redonda *Práticas de Promoção de Leitura*, juntamente com Gabriela Moura (FLIP/Casa Azul), Leda Fonseca (Secretaria Municipal de Cultura



do Rio de Janeiro), Volnei Canônica (Instituto C&A), mediados por Eliane Mello (CEAT). Foram realizadas outras quatro mesas-redondas que discutiram sobre leitura e literatura, com a participação de nomes como Suzana Vargas, Chico Alencar, Letícia Sabatella e Georgina Martins.

A FLIST realiza atividades gratuitas, abertas ao público, de todas as faixas etárias. São apresentações literárias, musicais, teatrais, exposições, lançamentos de livros, bate-papos com autores e mesas-redondas. A maioria das atividades acontece no

Parque das Ruínas. Na Casa Pascoal Carlos Magno e na Casa Amarela ocorrem as oficinas e as leituras.

A terceira edição promoveu mais de 30 atrações literárias destinadas ao público infantil e adulto. Prestigiaram o evento, o escritor português Ramiro S. Osório, os autores brasileiros Tino Freitas e Ricardo Oriá, a escritora gaúcha Christiana Dias, entre outros. Houve também oficinas de ilustração, contos, histórias em quadrinhos, rimas e contação de histórias. Mais informações no site www.flist.org.br

Bartolomeu Campos de Queirós foi o homenageado da 3ª FLIST.



Tudo começou no CEAT, situado no bairro de Santa Teresa.



Prêmio Jabuti tem novas regras

O Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro – CBL - encerrou as inscrições para a edição de 2011, no dia 31 de maio, com algumas alterações no regulamento. Este ano, o número de categorias aumentou de 21 para 29, e apenas o vencedor de cada uma delas, poderá concorrer ao livro do ano, tanto ficção como não ficção. “O Jabuti precisa ser aperfeiçoado a cada ano. Todas as questões que servem para aprimorar o prêmio foram discutidas”, explica Karine Pansa, presidente da CBL. O valor pago ao vencedor de cada uma das 29 categorias

continua sendo de R\$ 3 mil, já os ganhadores de livro do ano ficção e não ficção recebem R\$ 30 mil cada.

Criado em 1958, durante muitos anos o Prêmio Jabuti foi o único no país. Considerada uma das premiações mais abrangentes no setor literário, para a edição de 2011, a CBL inseriu oito novas categorias tais como, ilustração, gastronomia, turismo, hotelaria, entre outras. Os dez finalistas de cada categoria serão conhecidos no dia 13 de setembro e os vencedores no dia 18 de outubro. Os ganhadores de livro do ano ficção e não ficção serão anunciados no dia 30 de novembro, em São Paulo.



Feira de Livros no Colégio Miraflores

Com o tema *A leitura faz crescer*, o Colégio Miraflores, de Niterói, realizou pela 42ª vez sua tradicional Feira de Livros, nos dias 17, 18 e 19 de maio passado.

Além da venda de livros de diversas editoras, houve a apresentação dos trabalhos dos alunos sobre obras de Ana Maria Machado. A atual secretária geral da Academia Brasileira de Letras – ABL – esteve presente na parte da manhã respondendo as perguntas sobre suas histórias e apreciando o que foi feito sobre as mesmas.



À noite, Laura Sandroni, crítica de literatura para crianças e jovens e

membro do Conselho Curador da FNLIJ, fez uma conferência para pais e professores sob o título *A estética na literatura infantil*.

Convite do evento



Doação de livros pelos votantes da FNLIJ

Para a Seleção Anual FNLIJ, que resulta no Prêmio FNLIJ, as editoras enviam para a FNLIJ cinco exemplares de cada obra lançada. Há mais de uma década enviam também um exemplar de cada livro para os votantes que compõem o grupo de leitores facilitando o trabalho de leitura e a análise dos livros, especialmente para os integrantes que moram fora da cidade do Rio de Janeiro. São mais de mil títulos que cada leitor recebe em sua residência. Para participar como votante, o leitor assina um Termo de Compromisso com a FNLIJ em que, entre outros, se compromete a doar parte dos

livros que recebe para ações de promoção da leitura. Periodicamente registramos aqui informações sobre essas doações que são enviadas à FNLIJ pelos próprios votantes.

Sueli de Souza Cagneti doou para a Secretaria de Educação de Joinville, livros do acervo recebido para a 37ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2011 – Produção 2010. O secretário de Educação de Joinville, Sr. Marquinhos Fernandes e a coordenadora de bibliotecas do município, Sra. Alcione Pauli, encaminharam livros para a Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin e para a Biblioteca Escolar Professora Dra. Sueli de

Souza Cagneti da Escola Municipal Professora Maria Regina Leal. Sueli Cagneti doou outros títulos para o Persona – Cultura e Formação Integral, também em Joinville.

A professora Rosa Cuba Riche, do Rio de Janeiro, doou para a Secretaria Municipal de Educação de Mesquita, município do Rio de Janeiro, que possui um programa de governo intitulado Biblioteca/Clube de Leitura que promove a revitalização de espaços de leitura e pesquisa em escolas da cidade. O Departamento de Ensino Fundamental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, também foi contemplado com livros doados pela professora.

6ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo

A 6ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo acontece entre os dias 22 e 26 de agosto, no Circo de Cultura, Campus I, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul. O evento direcionado para crianças e jovens terá como tema *A influência de novas mídias no público infanto-juvenil*.

A participação das crianças nas atividades do evento é resultado do trabalho realizado pelo Centro de Referência de Literatura e Multimeios – *Mundo da Leitura* – laboratório do Curso de Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. O programa *Mundo da Leitura* terminou em terceiro lugar no 10º Concurso FNLIJ/Petrobras *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de Todo o Brasil*, no ano de 2005.

As atividades da 6ª Jornadinha ocorrerão dentro de quatro lonas de circo: azul, amarela, verde e vermelha, divididas de acordo com as séries escolares: nos dias 23 e 24, a programação é destinada a

alunos do 1º ao 4º ano; dia 25, de 5ª a 9ª séries; e dia 26, alunos de ensino médio. Será oferecida ao público uma programação cultural com os principais autores de literatura infantil e juvenil, como Ziraldo, Mauricio de Souza, Elisa Lucinda, Roseana Murray, Caio Riter, Lenice Gomes, Regina Rennó e muitos outros. O evento integra a 14ª Jornada Nacional de Literatura, que debaterá a *Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias*.

Os novos formatos de leitura e as possibilidades de exploração deles, a influência de novas ferramentas nos hábitos de leitura e na formação de leitores são alguns dos assuntos da programação. A Jornadinha é realizada desde 2001 para crianças e jovens sempre mantendo a proposta original das Jornadas Literárias: aproximar o público do autor. Leia mais sobre o evento no site: www.jornadanacionaldeleitatura.upf.br ou www.upf.br/jornada.



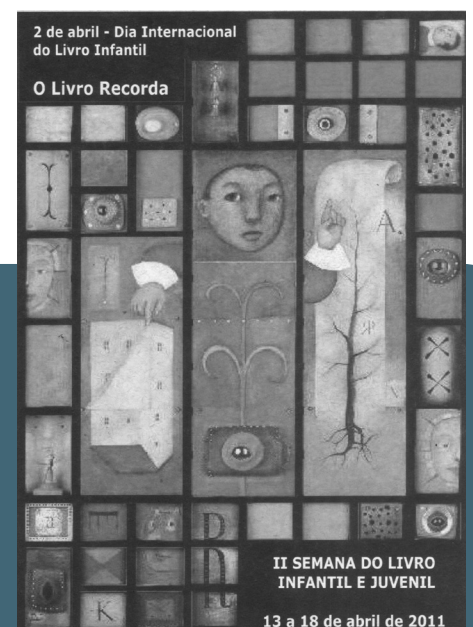
A Jornadinha integra a Jornada Nacional de Literatura, realizada na cidade gaúcha de Passo Fundo.

II Semana do Livro Infantil e Juvenil

Entre os dias 13 e 18 de abril, aconteceu na cidade de São Luis/MA a segunda edição da Semana do Livro Infantil e Juvenil que, como na edição anterior, destaca a mensagem comemorativa do Dia Internacional do Livro Infantil – DILI – promovida pelo IBBY e divulgada, no Brasil, pela FNLIJ. O texto deste ano foi *O Livro Recorda*, escrito por Aino Pervik, veio da seção estoniana do IBBY.

A Semana, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura, por meio da Biblioteca Pública Benedito Leite, em parceria com a Sociedade dos Amigos das Bibliotecas do

Maranhão – SAB/MA, com o apoio da FNLIJ e do Teatro Arthur Azevedo, ofereceu uma rica programação durante os seis dias de evento, além de leituras e do espetáculo teatral baseado no tema do IBBY.



Convite do evento.

Vem aí a Bienal do Livro Rio



Entre os dias 1º e 11 de setembro, a cidade do Rio de Janeiro estará recebendo a XV Bienal do Livro Rio. O evento acontecerá no Riocentro, zona oeste da cidade, organizado pelo Sindicato Nacional

dos Editores de Livros – SNEL – em parceria com a Fagga/GL eventos.

A Bienal reúne diversão, conteúdo de qualidade e uma diversidade de atrações capaz de seduzir todo o tipo de público, com a proposta de aproximar o visitante de um universo de livros e autores. Para esta edição, uma das participações já confirmada é a escritora Anne Rice, que escreveu o livro *Entrevista com vampiro*. A programação oficial é composta de uma lista de 120 nomes internacionais e nacionais.

A XV Bienal do Livro Rio terá um novo espaço infantil, com a curadoria de João Alegria, dando continuidade ao sucesso da Floresta

de Livros em 2009. Será uma área lúdica e interativa na qual as crianças e os jovens poderão se divertir no riquíssimo território das palavras. O evento terá, como nos anos anteriores, o Café Literário, com debates em clima descontraído que aproximam o autor e o leitor, com a curadoria do escritor e crítico Ítalo Moriconi. O espaço Mulher e Ponto, com a jornalista Sonia Biondo como curadora, promoverá bate-papos entre escritoras de temas de interesse feminino. No Livro em cena, haverá leituras com atores, difundindo o conhecimento de clássicos da literatura.

Haverá também a visita escolar, permitindo que alunos de escolas públicas e particulares tenham dias reservados para conhecer o evento. Mais informações no site: www.bienaldorio.com.br

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros; Ação Social Claretiana (Ave Maria); Agência Literária BMSR (Agência Riff); Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Barsa Planeta Internacional; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Centro da Memória da Eletricidade no Brasil; Comércio Nac.Edt de Livros Ltda – CONEL; Companhia das Letrinhas; Companhia Editora Nacional – IBEP; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Distribuidora Record de Serv. De Imprensa; Duna Dueto Editora Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Brasiliense; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora e Distribuidora Ciranda Cultural Ltda; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê/Compor; Editora Leitura; Editora Manole; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Mercury Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original (Panda Books); Editora Positivo; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Salamandra Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Sextante/Marcos da Veiga Pereira; Editora Vermelho Marinho Usina de Letras Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Escolas Profissionais Salesianas; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Casa de Lygia Bojunga; Girafinha Editora; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Estampapa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Inst.Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editor; L&PM Editores S/A; Littere Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Mazza Edições Ltda; MR Bens Editora e Gráfica Ltda. (Ao livro técnico); Noovha América Editora Distrib. De Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothke Artes Ltda; Pinto e Zincone Editora Ltda; Planeta do Brasil Ltda; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edição e Comércio de Livros; Saraiva S/A Livrários Editores (Atual / Formato); Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL; Uni Duni Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda; Zit Editora.

EXPEDIENTE Fotolito e Impressão: PwC • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Jornalista: Claudia Duarte – Mtb. 27.571/RJ • Revisão: Lucília Soares • Diagramação: Horacio Costa Design • **Gestão FNLIJ 2011-2014**

Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Carlos Augusto Lacerda, Gisela Zincone, Laura Sandroni, Sílvia Negreiros e Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Isis Valéria (Presidente), José Raymundo Romeo e Marisa de Almeida Borba. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lúcia Medeiros, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Sílvia Gandelman e Wander Soares.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias.

telefone: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

APOIO



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO